A teoria da classe ociosa

Ives Gandra da Silva Martins

Professor Titular de Direito Econômico
da Faculdade de Direito da Universidade
Mackenzie e Conselheiro da OAB-Seccional de São Paulo.

Thorstein Veblen (1857-1929), sociólogo e economista descendente de noruegueses, nascido em Wisconsin nos Estados Unidos, foi, talvez, o mais ferino crítico da classe empresarial americana no início do século. Em seu livro de maior aceitação, "Teoria da Classe Ociosa", procura identificar as características que fazem do homem bem sucedido, através da história, um inútil, que direciona seu tempo disponível e os recursos amealhados a produzirem o honorável ócio; distintivo maior de sua superioridade sobre os demais mortais.

Sua vida assemelha-se, em nível de rejeição social, à de Marx que crescia em mau humor na medida em que suas teorias eram atacadas pelos por elas atingidos, ao ponto de Galbraith ter dito que o pouco lido e muito citado autor germânico levou Alemanha, França e Bélgica a se unirem na crença de que seria um excelente cidadão para um outro país qualquer.

Com efeito, Marx, que se transformou em autêntico peregrino em terra alheia, teve sempre a incrível coragem de dizer verdades inconvenientes, mas com a não menos incrível insensibilidade em não saber dizê-las — e o que é pior — com uma notável capacidade de apresentar soluções ainda menos convenientes que as verdades inconvenientes que dizia.

Veblen não foi diferente. Nas universidades por que passou, foi afastado pelo corpo docente ou expelido pelo discente, nunca tendo se realizado, nem financeira, nem intelectualmente, apesar de reconhecerem, todos, seu agudo poder de captar realidades.

A "Teoria da Classe Ociosa" é livro que espelha tal indisfarçável intuição. Após analisar a vocação do homem em buscar o "inútil" e o "raro", como formas exteriores de superioridades, demonstra ter a humanidade evoluída graças à existência dessa classe superior de seres inferiores, que, na admiração procurada dos subordinados ou dos iguais, envolvia toda a sua vida.

O ser humano bem sucedido, segundo Veblen, necessita demonstrar que tem tempo a perder e recursos para sobreviver, independentemente do tempo perdido; algo que os pobres mortais subordinados não têm. O ter apenas tempo a perder, inutilmente, não é, todavia, o essencial. O essencial é ter tempo a perder e fazer com que os outros saibam que se perde tempo, porque se é um ser superior.

Historicamente, alicerça sua teoria na formulação dos primeiros grupos em que a mulher, um ser inferior, fazia todo o trabalho

difícil da tribo, cabendo ao homem somente dedicar-se à caça e à perda de tempo no preparar-se para seu principal esporte de desperdício, que era a guerra e o poder.

Com o tempo, a superioridade do ócio sobre o trabalho foi se cristalizando, ao ponto de ser o primeiro condecoração dos nobres, senhores e poderosos, e o segundo estigma dos escravos, estrutura que, em rigor, não se modificou, mesmo após a abolição da escravatura formal. Em verdade, ainda à época em que escreveu seu livro, a classe inferior da humanidade era aquela que se dedicava aos labores pesados e a superior, a que controlava tais trabalhadores, vivendo no ócio, à custa de seus modernos servos.

Depois de analisar o quadro da Europa e da América, a ostentação das castas sociais, das jogatinas em Monte Carlo, da moda dominante, dos esportes dispendiosos, das exibições de jóias de suas mulheres (em nada diferente dos colares exibidos pelos chefes dos selvagens da Malásia), concluiu que a classe ociosa do século XX, que, efetivamente, detinha o poder, era a classe empresarial, sucessora inquestionável de todas as classes ociosas do passado.

A primeira edição de seu livro é de 1899 e merece, hoje, reflexão profunda, a partir das lições de um outro pensador na área econômica, que foi Adolfo Wagner, o qual, em seu livro "Lehr-und Handbuch der politischen Oekonomie" (1983), afirmou com rara precisão que as despesas públicas tendem sempre a crescer, pois que os homens no poder criam mais necessidades para, servindo-se do povo, servirem-se do governo, verdade inconveniente que não lhe permitiu ser homenageado, posteriormente, por nenhum Estado da atualidade, nem mesmo com uma estátua comemorativa.

A reflexão que se impõe, hoje, reside em saber se a classe ociosa é constituída pelos empresários ou pela techno-burocracia, aliada aos políticos de carreira, que transformam todos os cidadãos de um país em seus servidores permanentes, neles incluída a antiga classe ociosa.

Parece-nos que a nova classe ociosa de hoje encastelou-se no poder, vivendo, em sua ineficiência, inexperiência e incompetência, à custa de uma nova classe servil constituída de empregados e empregadores. É o que pretendemos demonstrar nesta série de 12 artigos.